

Escola Nova e a Literatura Infantil na Formação de Professores: o caso do Instituto de Educação do Distrito Federal (1935-1937)

Aline Santos Costa*

A relação que se estabelece entre a Escola e a Literatura Infantil, no Brasil, data aproximadamente do século XIX. No entre séculos, os escritores Olavo Bilac e Manuel de Bonfim escreveram, em conjunto, livros de poesias e contos infanto-juvenis que tinham como alvo os alunos das escolas públicas brasileiras¹. Na década de 1920, Monteiro Lobato também teve seus livros infantis adotados por algumas escolas e, tal expansão da Literatura Infantil continuou crescendo nos anos de 1930, principalmente a partir de novas ideias acerca da educação, propagadas sobretudo pelo movimento denominado “Escola Nova”². A “Escolarização” do livro infanto-juvenil se faz sentir, nesse período não apenas na adoção desse tipo de literatura pelas escolas, mas também pela própria classificação que é estabelecida para esse gênero. Algumas histórias são classificadas de acordo com a faixa etária das crianças, princípio semelhante ao usado para dividi-las em turmas escolares. Outro indicativo desse crescente uso do livro infanto-juvenil nas escolas, é a criação de disciplinas que visavam habilitar as futuras professoras para trabalharem com os livros infantis em sala de aula. O caso que será aqui melhor estudado é o do Instituto de Educação do Distrito Federal, entre os anos de 1935 e 1937.

Para melhor compreender o papel da disciplina “Literatura Infantil” na formação de professores no Instituto de Educação, é necessária a análise da ementa da disciplina que, de 1935 a 1937, foi assinada pela educadora Elvira Nizynska da Silva (professora assistente de Ensino de Leitura e Materiais de Ensino, entre 1934 e

1937). A ementa é dividida em Objetivos (gerais e específicos) e bibliografia. Na primeira parte, é explicitado que:

Ao lado dos objetivos de pura informação como o da significação social da literatura, sua finalidade, gêneros literários, etc, a matéria possui como função educativa geral, que pode assim ser discriminada:

- (A) A literatura, como aprendizagem de apreciação, tendo por finalidade o cultivo de sentimentos: educação estética e a formação de ideais de ação;
- (B) A literatura e as suas relações com as outras disciplinas; auxílio prestado à motivação de outras aprendizagens, e a aquisição de certas habilidades.³

O primeiro objetivo explanado apresenta questões que já nos apontam certa aproximação com o chamado movimento de Renovação do Ensino (ou, Escola Nova): a formação de ideais de ação. Nesse sentido, a Literatura Infantil deveria ser compreendida a partir de uma função educativa, formando o gosto pela leitura, e os sentimentos infantis. No período de 1930, com o movimento de renovação do ensino, a chamada Educação Estética era fundamental. Para muitos educadores, que comungavam dessas ideias, o ensino da música, do desenho e, principalmente, da literatura eram fundamentais para cultivar nas crianças e nos jovens, bons sentimentos (entendidos aqui como amor à pátria, à escola, à família, etc). O “culto ao belo e ao harmônico” seria, então, uma forma de também de inspirar esses sentimentos. Todavia, a estética não é imutável ou atemporal. Ao contrário, varia de acordo com a sociedade analisada e com o momento histórico nela vivenciado. Assim, é importante compreender aquilo que, provavelmente, esperava-se de um livro de literatura infantil com valor estético.

Apesar de não constar, ao menos no programa da disciplina, clara concepção estética acerca do livro infantil, a professora encarregada de ministrar o curso, Elvira Nizynska, escreveu algumas

considerações a esse respeito, no artigo intitulado “O problema da Literatura Infantil”, que foi publicado na revista *Infância*, em 1936. Segundo a educadora, o que se esperava de um bom livro infantil era:

Se a literatura infantil souber tirar partido desses interesses naturais, guiando, expandindo e apurando o gosto das crianças, aos poucos irá aparecendo a exigência de maior sinceridade nas histórias; o desejo do conhecimento do mundo que rodeia a criança, crescerá com um pendor acentuado, nos anos que precedem a adolescência, para as situações em que se faça sentir o predomínio da força, da coragem, da beleza, do estoicismo. E um período ideal para dirigir as crianças no sentido de apurar seu gosto estético, dar-lhes ideais nobres de ação; desenvolver, convenientemente, seus sentimentos, afastando-a do sentimentalismo piegas e pernicioso. [...]⁴

Nesse primeiro momento do artigo, Nizynska ressaltou a ideia da função do livro infanto-juvenil na vida cotidiana das crianças. Além da formação das crianças em leitores, a literatura infanto-juvenil deveria ter o compromisso em também educá-los enquanto cidadãos. Para atingir esse papel educativo, o livro infantil deveria, sobretudo, partir dos interesses infantis. Tipos de histórias (aventuras, romances, lendas, contos, etc) preferidos pelos petizes, deveriam ser trabalhados de modo a direcionar, aos poucos, a leitura para o objetivo principal (educar, ao mesmo tempo em que a criança se diverte). No mesmo artigo, Elvira Nizynska apontou aquilo que considera como valor estético dos livros infanto-juvenis:

Mas quais as qualidades essenciais aos livros, para que tal finalidade seja alcançada?

Antes de tudo, arte.

Arte na apresentação material do livro, afim de que ele seja um estímulo agradável. Até na linguagem, que deve corresponder a simplicidade, a clareza, a correção, sem preciosismo de estilo e

rebuscamento de termos, sem emprego de termos grosseiros de gíria[...]

A arte no enredo, isto é, fantasia delicada, dentro dos interesses dominantes nas crianças, em determinadas situações reais, embora o elemento de ficção ali se deva fazer sentir; soluções felizes, sem recurso a absurdos, incidentes jocosos que mostrem os aspectos pitorescos da vida, sem abuso do grotesco, e muita ação, muita vivacidade, muita imaginação com uma preocupação dominante da “formação moral” da nossa infância [...] ⁵

No quesito estética, para a educadora, o livro infantil deveria ter assuntos “leves” (sem tramas muito complexas ou que provocassem sentimentos de angústia ou medo), de acordo com os interesses infantis. Deveria também privilegiar a formação moral, a ação dos personagens e o final feliz. Nesse estilo literário, a fantasia deveria ser explorada em harmonia com as demais características do livro. Vale ressaltar que a presença do elemento fantástico nos livros infanto-juvenis foi, por muitos educadores, condenada. O próprio Lourenço Filho ponderava que, em alguns casos, a fantasia poderia interferir negativamente no conhecimento sobre o mundo (esse era um dos motivos que o levava a desaprovar histórias com animais e objetos inanimados falantes) ⁶. Aqui, ao contrário, Nizynska salientou a importância desse elemento, apontando que fazia parte do próprio processo de crescimento cognitivo e psicológico das crianças.

O segundo objetivo, por sua vez, também dá indícios a respeito da orientação que se quer renovadora, da disciplina. Esse indício é a visão de que a literatura infantil deveria estar relacionada com o ensino e aprendizado de outras disciplinas. Esse segundo objetivo vem ao encontro do que o educador Fernando de Azevedo ponderava. Segundo ele, o grande problema do ensino de literatura (como um todo e não apenas a literatura infantil) era a preocupação com a formação de futuros escritores, e não com a formação de leitores. Para o educador, a literatura só fazia sentido se os leitores fossem envolvidos pelas histórias, motivados a “seguir viagem” com o

livro. A leitura, pois, deveria ter ações práticas, efetivas no cotidiano daqueles que a praticassem. Relatos de algumas alunas do Instituto de Educação demonstram essa relação estabelecida entre a literatura infantil e as demais áreas do saber. Nas aulas, Elvira Nizynska costumava ensinar às crianças a lerem através de histórias infantis.

Para melhor entender os objetivos da disciplina, é importante compreender a importância da leitura para o movimento renovador. No período de criação da matéria de “Literatura Infantil”, o Instituto de Educação do Distrito Federal foi dirigido por dois importantes expoentes da Escola Nova, no Brasil: Anísio Teixeira e Lourenço Filho. O primeiro, enquanto Diretor Geral de Ensino do Distrito Federal, em 1934, criou a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, coordenada por Cecília Meireles. Além de biblioteca, o Pavilhão Mourisco também oferecia às crianças, aulas de dança, teatro infantil e música⁷. Havia, à época, por parte de alguns críticos, a acusação de que a Escola Nova não dava a devida importância aos livros e a leitura. Tal crítica derivava da ideia de que os renovadores preconizavam o Ensino Ativo (através de atividades práticas, de observação e experimento, sem grandes preocupações com a leitura). Contudo, tanto a gestão de Anísio Teixeira na Direção e Instrução Pública (até 1935) e a de Lourenço Filho no Instituto de Educação (quando houve a organização da biblioteca, para alunos e professores) demonstram justamente o oposto das críticas. A mudança não estava no “não uso” dos livros, mas sim, no seu papel. Para os renovadores, a Criança (ou o aluno) era o centro da atenção educativa. Assim, a leitura deveria respeitar os limites e características desse público-alvo⁸.

Respeitando os limites de cada aluno, a leitura privilegiada passou a ser a silenciosa. Além disso, uma vez que era a criança o “centro de ação” educativa, os gostos literários infantis também passaram a ser um importante aliado dessa “nova literatura infanto-juvenil” que, nas palavras de Elvira Nizynska, em parecer à Comissão de Literatura Infantil, deveria recrear e educar, ao mesmo tempo.

Sobre isso, Nizynska publicou, em 1936, um artigo na Revista *Infância*, no qual, apontava algumas pesquisas feitas com crianças da Escola Primária do Instituto de Educação, buscando verificar quais os principais gostos literários das crianças a partir da idade, sexo, série escolar, aos quais o leitor estava inserido⁹. Assim, buscava-se uma literatura que, além do caráter educativo, tivesse também de acordo com os interesses infantis, privilegiando também a formação estética do leitor (os livros deveriam ser belos, simples, em acordo também com o desenvolvimento cognitivo das crianças).

Olha, era a professora Elvira Nizynska. Agora me lembrei o nome dela. Ela usava as historietas infantis para ensinar o início da leitura e as histórias. Era a melhor forma para despertar o interesse, curiosidade e desejo para saber ler e reler tais histórias. Nós usávamos [a literatura infantil] e adaptávamos de acordo com o meio cultural das crianças (...) Dessas histórias tirávamos as frases principais no ou do enredo, fazíamos tais frases no quadro negro. Elas [as crianças] depois escreviam no ar as frases; a seguir, no quadro negro (sem que apagássemos) e depois era destacadas tais ou determinadas palavras, cujas letras se encontravam em sacos individuais (alfabeto repetidos várias vezes, principalmente as vogais) para cada aluno escrever e ler sem usar a soletração. (OLIVEIRA, Helena Silva de In: VIDAL, Diana: p. 22)¹⁰.

Além dos objetivos e do uso prático das histórias infantis, a disciplina também apresentava bibliografia de curso que nos faz compreender melhor a relação entre a Escola Nova e a criação dessa disciplina no Instituto de Educação.

b) Livros para consulta, para estudo comparativo e discussão:

- Claparède – *Psicologia del niño*;
- Helena Antipoff – *Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte*;
- Marcel Braunsclavid (*Revista do Brasil* – outubro de 1921) – *A Literatura Infantil*.

c) Leituras recomendáveis:

- Sampaio Doria – Educação;
- Kilpatrick – Educação para uma civilização em mudança;
- Binet – Les idées modernes sur les enfants;
- Claparède – Educação Funcional;
- Dewey – Como pensamos;
- Piaget – Le langage et la pensée chez l'enfant.¹¹

A maioria dos autores apresentados na lista de livros recomendados pela professora é composta por teóricos da chamada Escola Nova ou por estudiosos que ajudaram a pensar a criança naquele momento. Piaget é um nome importante, pois classifica a criança conforme a idade e o desenvolvimento cognitivo. Foi com base nos estudos de Piaget que as escolas passaram a dividir seus alunos em turmas. Na comissão há toda a preocupação em classificar — de acordo com o nível de complexidade, de linguagem e de tema — os livros infantis por idade. Levavam-se em consideração dois aspectos: o interesse da criança e seu nível de desenvolvimento cognitivo. Já os estudos de Edouard Claparède em “Psicologia da Criança”, lança mão de pesquisas recentes sobre o universo infantil para apresentar considerações acerca dos interesses, das melhores maneiras de estimular o desenvolvimento cognitivo da criança. John Dewey – considerado por muitos como o precursor da Escola Nova – apresenta a importância do desenvolvimento de uma nova educação para uma sociedade em constantes transformações.

Os autores que nortearam a disciplina Literatura Infantil, não apenas apresentaram novas concepções acerca da educação, mas também – e principalmente – em relação ao estatuto psicossocial da criança. Uma vez entendida como centro de toda ação pedagógica, a criança passa a ter seus interesses, gostos e sentimentos levados em consideração (embora nem sempre eles prevaleçam no caso da escolha dos melhores livros infanto-juvenis). Essa nova percepção sobre a infância – enquanto fase do desenvolvimento humano –

também se refletiu naquilo de era destinado aos petizes. No caso da literatura infantil, o conhecimento apresentado por Piaget, por exemplo, a despeito das fases do desenvolvimento, auxiliaram a desenvolver a classificação etária dos livros infantis (de acordo com a linguagem, com o tipo de história, de fantasia apresentada).

Além de aprenderem a trabalhar, em sala de aula, a usar a literatura infanto-juvenil, as professorandas também aprendiam a classificar os livros destinados às crianças, bem como avaliá-los. Dos quesitos a serem avaliados estavam:

VI – Requisito que deve preencher um livro de literatura infantil:

- Texto;
- Organização: unidade, atualidade e exatidão de noções.
- Adaptação aos interesses básicos das crianças
- Qualidades artísticas.
- Linguagem: propriedade, correção, clareza e simplicidade.
- Feição Material.
- Formato.
- Encadernação
- Papel.
- Impressão.
- Gravura.¹²

As professoras em formação deveriam, quando escolher os livros para serem trabalhados, considerar também as dimensões materiais das obras (tamanho, número de páginas, encadernação, papel). Os preferenciais deveriam ser aqueles acessíveis, que fossem fáceis de serem carregados pelas crianças, de modo que os petizes pudessem ler onde melhor lhes agradassem. Uma boa impressão e linguagem simples, clara e correta, também eram quesitos fundamentais. O exercício de escolherem os livros infantis ideais para o trabalho na escola fazia, então, parte da formação docente nesse período. A presença da escola nova se fazia aí presente não somente

pelas discussões teóricas, ou pelas práticas planejadas para serem trabalhadas em aula com os alunos da escola elementar do Instituto de Educação (onde as normalistas faziam o estágio docente), mas também na estruturação do próprio curso de Literatura Infantil).

Outra parte da Ementa que nos leva a pensar sobre isso é a destinada a explicar os “processos de trabalho” (ou seja, a maneira como se desenvolverá a disciplina).

4. Processo de trabalho:

- Dissertação pelo professor, das noções básicas necessárias ao estudo da matéria.
- Pesquisas bibliográficas para o estudo da evolução dos interesses nas crianças conhecimento de inquéritos realizados no Brasil e estrangeiro sobre Literatura Infantil.
- Leituras e apreciação de livros de literatura infantil.
- Discussão sobre bibliográfico colhido pelos alunos.
- Discussão sobre livros de literatura infantil para a apreciação e classificação dos mesmos.
- Inquéritos sobre interesses e ideias das crianças.
- Inquérito sobre tipos de leitura preferidos pelas crianças, nas diferentes idades e classes.¹³

O incentivo à pesquisa sobre os gostos das crianças é salientada nos dois últimos itens do programa (“Inquéritos”). A construção do conhecimento por meio de discussões e pesquisas é uma novidade trazida pelo ensino renovador. Os trabalhos realizados pelas educandas foi citado por Elvira Nizynska no artigo publicado em *Revista Infância*. Segundo a professora, o trabalho foi realizado pelas professorandas e “entrevistou” crianças da Escola Primária do Instituto de Educação, além de crianças das famílias das alunas¹⁴.

Por fim, podemos então perceber que o processo de escolarização do livro infantil é muito mais complexo e envolve não apenas a adoção de certos livros pelas escolas ou, ainda, a

“pedagogização” das histórias infantis. Antes de mais nada, exige definir o público - alvo desejado, compreender seus gostos e definir critérios “eccléticos” para avaliar os livros que serão destinados a ele. Ao mesmo tempo, esse processo exige que a escola crie espaços que disponibilizassem os livros aos alunos, uma vez que nem todos teriam condições de comprar os livros infantis. As bibliotecas escolares e as infantis, por sua vez, passam a ser pensadas tendo como foco não mais o entesouramento as “obras da humanidade”, mas a interação da criança com o livro e com o espaço. E essas mudanças foram, então, iniciadas pelo movimento de renovação do ensino¹⁵. Em 1935, no Instituto de Educação, foi elaborada uma monografia que constava como “plano de ensino de linguagem e leitura”¹⁶ e muitas dessas ideias “novas” de leitura, importância da biblioteca e papel do professor como mediador entre aluno e o livro foram ressaltadas. A disciplina Literatura Infantil, então, pode ser entendida como uma das faces desse projeto de escolarização da leitura (e da literatura infantil) implementado pelos educadores da Escola Nova.

Notas e referências

* Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: aline.s.costa.hist@gmail.com

- 1 LAJOLO, Marisa. Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e literatura escolar na república velha. São Paulo: Ática, 1998.
- 2 COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Editora Moderna; 2000.

- 3 SILVA, Elvira Nizynska da. *Ementa da Disciplina Literatura Infantil*. Publicação do Instituto de Educação & Universidade do Distrito Federal – Rio de Janeiro – Brasil. Vol. I, março de 1937. (Localização: Centro de Memória Institucional do Instituto de Educação do Rio de Janeiro).
- 4 SILVA, Elvira Nizynska da. “O problema da Literatura Infantil”. In: *Revista Infância*. Julho de 1936. (Acervo de Periódicos da Biblioteca Nacional).
- 5 *Idem*.
- 6 Ver: COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. Ática, São Paulo, 1991.
SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ FAPESP, 2007
- 7 PIMENTA, Jussara Santos. *Leitura, arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934- 1937)*. Editora CRV: Curitiba; 2011.
- 8 VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universidade São Francisco; 2001.
- 9 Sobre pesquisas e gostos infantis, e sua relevância para a definição de literatura infantil ver:
COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936-1938)*. Dissertação de Mestrado defendida pelo PPGHIS/UFRJ; Rio de Janeiro; 2011.
- 10 *Apud*. VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universidade São Francisco;p.22. 2001
- 11 SILVA, Elvira Nizynska da. *Ementa da Disciplina Literatura Infantil*. Publicação do Instituto de Educação & Universidade do Distrito Federal – Rio de Janeiro – Brasil. Vol. I, março de 1937. (Localização: Centro de Memória Institucional do Instituto de Educação do Rio de Janeiro).

- 12 *Idem.*
- 13 *Idem.*
- 14 SILVA, Elvira Nizynska da. "O problema da Literatura Infantil". In: *Revista Infância*. Julho de 1936. (Acervo de Periódicos da Biblioteca Nacional).
- 15 VIDAL, Diana Gonçalves. *O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universidade São Francisco; 2001.
- 16 INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. *Linguagem na Escola Elementar*. Rio de Janeiro: 1935.